

Empresários querem plano econômico já

As principais lideranças empresariais do país dizem que estão satisfeitos com a mudança no Ministério da Fazenda, mas são unâmis em um ponto: querem um plano definido para a economia do país, que venha em curto prazo e que afaste o fantasma da recessão. A expectativa, em geral, é que as primeiras medidas promovidas pelo ministro Luiz Carlos Bresser Pereira reduzam a inflação e reorganizem as despesas públicas.

— O novo ministro precisa ter respaldo político para cortar os gastos do Estado e evitar o descontrole dos gastos. Se fizer isso, ele será o maior estadista do mundo — destacou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Mário Amato, que, em determinado momento da vigência do Plano Cruzado, pregou a desobediência civil contra o esquema de congelamento de preços mantido pela equipe do ex-ministro Dílson Funaro.

Um novo choque heterodoxo, com controle e novo congelamento, segundo Mário Amato, nem pensar: "Não deu certo, não daria certo de novo". Mais contido, o empresário Abilio Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar e representante do empresariado no Conselho Monetário Nacional, evitou fazer propostas ou apresentar as reivindicações do setor, mas foi enfático ao pedir uma política econômica definida: "O ministro da Fazenda precisa definir uma estratégia de curto, médio e longo prazos, enfim, fazer um plano de gover-

no". Acrescentou: "Pelo que eu conheço dele, trata-se de um homem que sempre procurou se dirigir dentro de uma estratégia pré-estabelecida".

"Evitar a recessão" é a reivindicação prioritária da Confederação Nacional da Indústria (CNI), cujo presidente, o senador Albano Franco, defendeu a manutenção do gatilho salarial para os trabalhadores. "Até que se encontre um mecanismo onde não haja perda de poder de compra do trabalhador, pois isso representaria o início da recessão, frisou. O vice-presidente da CNI, Luiz Eulálio Bueno Vidigal, considera prematuro fazer qualquer tipo de reivindicação ou criar expectativas. "Vamos aguardar o anúncio de alguma medida para fazer nossas análises", acrescentou.

Banqueiros

Os banqueiros também preferiram falar pouco: "A reivindicação do setor é que o programa apresentado pelo novo ministro dê certo", observou o vice-presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Pedro Conde, que aponta a questão inflacionária como o maior problema que o governo vai enfrentar. "Temos que batalhar por isso, para reduzir o custo do dinheiro. Não reivindicamos sequer o fim do tabelamento, pois esperamos que essa medida terá um tempo limitado, para não gerar as deformações que são consequência de qualquer tabelamento", acredita Conde.